

CARACTERÍSTICAS LINGÜÍSTICAS DA EDIÇÃO PORTUGUESA DE 1488 DO *SACRAMENTAL* DE CLEMENTE SÁNCHEZ DE VERCIAL

JOSÉ BARBOSA MACHADO

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1. INTRODUÇÃO

O *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial foi redigido entre 1421 e 1423, na cidade de León, Espanha. Teve uma extensa divulgação na Península Ibérica até meados do século XVI, altura em que foi colocado no índice de livros proibidos pelas autoridades religiosas espanholas e portuguesas. Com o aparecimento da imprensa de caracteres móveis, foi uma das obras que mais se imprimiu em Portugal e em Espanha. São conhecidas cerca de vinte edições impressas diferentes, quatro em português (Chaves, 1488; Braga?, 1494-1500; Lisboa, 1502; e Braga, 1539), uma em catalão e as restantes em castelhano. O êxito editorial prende-se com a sua utilidade: o livro é um compêndio completo de tudo o que um clérigo deveria saber para cumprir o seu múnus pastoral.

Na Biblioteca do Rio de Janeiro existe um exemplar do *Sacramental* em língua portuguesa que, pelo facto de ser diferente das outras três edições conhecidas e pelas características tipográficas que apresenta, se supõe pertencer à edição de 1488, edição esta de que há notícia, mas de que se desconhece qualquer exemplar completo (*cf.* Silva 1876,II:82-84). Alguns investigadores têm colocado sérias dúvidas acerca da pertinência de se pensar que este

exemplar pertence a essa edição, uma vez que lhe faltam as páginas finais, onde estaria impresso o cólofon.

É nosso propósito neste estudo fazer um apanhado de algumas das características gráficas e linguísticas do texto do incunábulo existente na Biblioteca do Rio de Janeiro, tentando provar que esta edição é anterior às outras três edições portuguesas.

2. CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS E FONÉTICAS

2.1. *Abreviaturas*

Uma das características da edição do *Sacramental* da Biblioteca do Rio de Janeiro que salta logo à vista do leitor, como aliás das outras três conhecidas, é a abundância de abreviaturas. Só na primeira página podemos contabilizar 55 palavras abreviadas, valor que corresponde à média geral por página. Se multiplicarmos este valor pelo número total de páginas da obra, ou seja, 318, teremos um valor aproximado, para mais, de 17490 palavras abreviadas.

A utilização das abreviaturas em textos antigos, manuscritos ou impressos, tinha dois objectivos: por um lado reduzir o tempo de escrita e por outro economizar o material (papel ou pergaminho e tinta). Escrever *mjã* em vez de *misericórdia* não só se poupava tempo, mas também, e principalmente, material.

As abreviaturas presentes na obra são de duas naturezas: as que representam sílabas e as que representam palavras, confundindo-se entre si, especialmente nas palavras monossilábicas. Das abreviaturas que representam sílabas, as mais frequentes são transcritas do seguinte modo: as sílabas *que-* e *qua-* são transcritas através do carácter *q* com til sobreposto; a sílaba *ver-* é transcrita através do carácter *v* com um apóstrofo sobreposto; a sílaba *ser-* é transcrita, ora através do carácter *s* com um til sobreposto, ora através do carácter especial *þ*; a sílaba *ma-* é transcrita através do carácter *m* com um til sobreposto; a sílaba *de-* é transcrita através do carácter *d* com um apóstrofo sobreposto; as sílabas *per-*, *pre-*, *par-*, *para-*, *por-* e *pro-* são transcritas com o carácter *p* com um til ora sobreposto, ora subposto, ou com um apóstrofo subposto à esquerda; as sílabas *com-* e *con-* são transcritas com um símbolo específico da

estenografia medieval semelhante a um sigma minúsculo voltado para baixo; as sílabas *ter-* e *tre-* são transcritas com o caracter *t* com um apóstrofo à direita; as terminações em *-os* e *-us* são normalmente abreviadas através do apóstrofo.

Algumas palavras são abreviadas por um conjunto de caracteres muito específicos. É o caso de palavras originadas no termo grego *χριστός*: *xpo* > *Christo*; *xpaão* > *christaão*; *xpãaos* > *christãaos*; *xpião* > *christão*; *xpiãos* > *christãos*¹. Estas abreviaturas são muito frequentes nos textos medievais manuscritos e nos livros impressos até finais do século XVII. Outras palavras abreviadas são: *ihū* > *Jhesu*; *ih'u* > *Jhesu*; *jh'u* > *Jhesu*; *spū* > *spiritu*; *spūal* > *spiritual*; *stā* > *santa*; *stō* > *santo*; *ñ* > *nō*; *oēs* > *omnes*. As conjunções *e* e *et* são geralmente representadas pela nota tironiana.

2.2. União e separação de palavras

Nem sempre o impressor seguiu o uso que se convencionou ser o mais correcto no que diz respeito à união e separação de palavras.

São vários os contextos da obra em que surgem expressões como: *ha conteçer*, *ha cabada*, *ha cabado*, *ha caba*, *ha caballo*, *ha cabamêto*, *ha char*, *ha çidente*, *ha qui / ha quy*, *ha quele*, *ha taa*, *ha diante*, *ha postolical*, *ha ver*, *ha via*, *ha firmei*, *ha feyçon*, *ha margura*, *ho casiom*, *ha çiprestes*, *ha parelhamento*, *ha longãdoo*, *ha bastaria*, *ho bedeçe*, *ha juda*, *ho ffiçio*, *ho fiçio*, *ho meçidos*, etc. A presença do *h* deve-se provavelmente à confusão da primeira sílaba das palavras com o artigos definidos *ha* e *ho*. Noutros contextos, o *h* está omissa: *a juda*, *a ver*, *da calçar*, *da ligria*, *da quela* (este último caso é bastante frequente em textos medievais portugueses).

Com *h* no início da palavra, numa clara confusão com o artigo definido, temos, entre outros: *hapostolos*, *hofendeo*, *hagustinho*, *honzena*, *honde*, *hopenion*, *horden*, *hamigo* e *hobrar*.

A preposição *a*, quando antecede o pronome indefinido *alguũ*, vem aglutinada, originando as formas *aalguũ*, *aalguĩs*, *aalgũa* e *aalgũas*. Apresentamos alguns contextos: “assy como se *aalguũ* ameaçasen do matar ou de lhe tomar todos seus beês”; “por quanto *aalguĩs* falesçem parentes e amigos”; “se non determinou a

¹ Por dificuldades de representação gráfica, não colocamos o til sobre o *p*.

entençom *aalgũas* dellas”; “Quãdo o saçerdote ouer de leuar o corpo de Deus *aalguĩ* enfermo deue premeiramente lauarse as mãos”; “quãdo o corpo de Deus leuã *aalguĩ* emfermo tãgen a câpaynha”; “Diseste alguĩs doestos *aalguĩ* ou *aalguĩ* que to disese”.

Há vários contextos em que surgem as formas *aalma*, *aaugua* e *daaugua*. Em quase todos eles, o primeiro *a* representa o artigo definido *a* ou a preposição *a*, enquanto o segundo *a* representa a primeira sílaba da palavra. Em casos mais raros, a forma com as vogais geminadas deve-se à analogia. São exemplos disso os seguintes contextos: “quãta *aaugua* e qual sse deue poer com ho vynho”; “se se põee outra tanta *aaugua* como vynho”; “dizen que esta *aaugua* deue ser natural”; “alguĩ duuidaria ã quanta quantidade deue poeer *aaugua*”.

Há outros casos em que o *a* geminado, representando a preposição *à*, surge aglutinado à palavra seguinte, mas não faz parte da primeira sílaba da mesma: *aapēdēça*, *aaconfison* e *aaygreja*.

O artigo definido, o pronome, ou a preposição *a* podem surgir unidos a diversas palavras, não originando vogais geminadas: *ocorpo*, *osangue*, *obispo*, *osaçerdote*, *opecado*, *acruz*, *ocalez*, *omal*, *domũdo*, *oprimeiro*, *oqual*, *omeu*, *oque*, *osaçerdote*, *otraz*, *onome*, *acorte*, *achaue*, *afilha*, *aqual*, *aconfison*, *auida*, *ameu*, *amyn* e *aoutros*. Nalguns contextos em que a consoante de início da palavra é *f*, *r* ou *s*, esta duplica: *affe*, *orrato*, *orreçeber*, *osseu*, *assaber*, *assabēdas*.

O pronome demonstrativo *aquele*, especialmente quando contraído com a preposição *de* ou *em*, surge várias vezes separado: *da quele*, *da quella*, *da quello*, *na quele*, etc. Nalguns casos, a preposição não contrai com o pronome, como em: *de aquele*, *de aqueles*.

Em muitas das formas que surgem separadas, nota-se a confusão da primeira sílaba com as preposições. Com *en* / *ẽ* / *em* temos: *en famey*, *en ganar*, *en ganey*, *en prestado*, *en tençon*, *ẽ duzēdo*, *en veja* / *ẽ veja* / *em veja*, *em cubry*, *ẽ ader*, *en bebedou*, *ẽ cubertamēte*, *em fees*, *en duzẽ*, *ẽ prestou*, *em mēda*, *em voluer*, *em mēda*, *em posto*, *em vye*, *en viadas*, *en tende*, *em onesto*. Com *in* temos: *in çesto*, *in justamēte*, *in nocencia*. Com *de* temos: *de famar*, *de famey*, *de vydamente*, *de ssordenado*, *de liberaçon*, *de mandar*, *de mãda*, *de mãdaron*, *de fender*, *de fendy*, *de fendidas*, *de fendido*, *de clarey*, *de via*, *da gora*, *de lyctos*, *de simular*, *de sonestos*, *daa soluïçom*, *de mostrar*, *de mãdar*, *de fender*. Com *con* temos: *con*

cordam. Com *contra* temos: *contra dise*, *contra dizêdo*, *côtra dissesse*.

2.3. Vogais geminadas

O número de vogais geminadas, por relação etimológica ou por falsa analogia, é bastante frequente, sendo uma das características dos textos medievais portugueses. No entanto, e porque à data da impressão da obra estas vogais tendiam a desaparecer na linguagem escrita, teremos de imputá-las ao manuscrito que o impressor se terá limitado a transcrever.

É no plural dos substantivos, adjectivos e pronomes terminados em *-el* e em *-al* e nos substantivos terminados em *-ão* que as vogais geminadas são mais frequentes.

Os substantivos, adjectivos e pronomes terminados em *-el* fazem o plural em *-es* e *-ees*. Em *-es* temos apenas quatro formas: *côuinhaues / conhinhaues*, *ssemelhaues / semelhaues*. Em *-ees* as formas são mais frequentes: *anees*, *aplaziuees*, *conuinhauees / cõuinhauees*, *cruees*, *enfiees*, *fauorauees*, *fiees / ffiees*, *miserauuees*, *mouiuees*, *notauees*, *semelhauees / ssemelhauees*. Os terminados em *-al* fazem o plural em *-aes* e *-aaes*. Em *-aes* temos: *corporaes*, *sprituaes* e *quaes*. Em *-aaes* há maior número de formas: *spirituaaes*, *temporaaes*, *terreaaes*, *çelestiaaes*, *corporaees*, *taaes*, *veniaaes*; em *-aaees*: *penitêçiaaees*; ou em *-aees*: *espiçiaees*, *mortaees*, *temporaees / tēporaees / temporaees*, *corporaees*, *çelestiaees*, *quaees*, *taees*, *terreaees*, *cryminaaees*, *prouinçiaees*, *penitênciaees / penitencyaees*, *cardeaees*, *parrochiaees*, *sinaees*, *diuinaees*, *metaees*, *naturaees*, *sacramentaees*, *çerimoniaees*, *capitaaees*, *principaaees*, *degretaees*, *jograees*, etc. As palavras *cal* e *mal*, apesar de terminarem em *-al*, no plural mantêm o *-l* e por isso não apresentam na terminação do plural a vogal geminada: *caal*, *caales*; *mal*, *males / malles / maales*; *segral*, *segrales*. As formas *cardinales*, *parafrenales* e *segrales* mantêm o *-l* no plural por influência do castelhano. Os adjectivos em *-il* fazem o plural em *-ijs*. Na obra há apenas dois casos: *ssotijs* e *vijs*.

Os substantivos terminados no ditongo nasal *-ão* que fazem o plural em *-ões* apresentam várias flexões possíveis. Podem terminar em *-ões*, de acordo com o uso actual: *trões*, *tribulações*, *hamoestações*, *benções*; podem terminar em *-ões*: *pitições* /

petiçõeess, oraçõeess, liçõeess, tribulaçõeess / trybulaçõeess, deuaçõeess, rrazõeess / rezõeess, naçõeess, gargantõeess, pregaçõeess, galarðõeess, tētaçõeess, apropossyçõeess, coraçõeess, dõeess, payxõeess, consolaçõeess, openiõeess, perdõeess, caruõeess, condiçõeess, jurdiçõeess, ladrõeess, rrolaçõeess, malhõeess, preçissõeess, cōjuraçõeess, denũciaçõeess, perdõeess, obraçõeess, denũciaçõeess; podem terminar em -oõeess: rrazoõeess; podem terminar em -oões: conclusoões; e, por influência do castelhano, podem terminar em -ones, -onees ou -omees: jurissdçiõnes, rrazones, difyniõnes, oraçonees, diuisonnees, conjuraçonees, escōjuraçonees, ētençonees, rrazonees, bençonees / bēçonees, cōdiçomees (esta última forma é certamente gralha).

Os substantivos terminados no ditongo nasal *-ão* que fazem o plural em *-ãos* apresentam as seguintes flexões: podem terminar em *-ãos*, de acordo com o uso actual: *christãos*; podem terminar em *-aãos*: *maãos, graãos, saãos, vaãos*; podem terminar em *-ãaos*: *christãaos, mãaos, irmãaos*; e podem terminar em *-ãoos*: *pagãoos*. No singular, terminam em *-aão*: *christaão, maão*; ou em *-ãao*: *mãao, verãao*. Alguns substantivos desta categoria, em vez de *-ão* no singular, terminam em *-oee*. É o caso de: *çertidõe, dulçidõe, multidõe / multydõe e seruidõe*.

Os substantivos terminados no ditongo nasal *-ão* que fazem o plural em *-ães* apresentam duas flexões: podem terminar em *-ãees*: *capelãees, jogrãees, rrefiãees*; ou em *-aães*: *paães*.

O pronome indefinido *algum*, embora em várias formas se apresente com vogal simples nasalada, como em *algũ, algũs, alguma, algumas, algũa* e *dalgũa*, noutras apresenta-se grafada com vogal geminada: *alguũ, alguĩs / algũus, algũua / alguĩta, alguĩtas / algũuas, alguum, dalguũ, dalguĩta, dalguun, dalguĩs, dalgũus*. O mesmo sucede com o artigo indefinido *um*, que ora aparece com vogal nasal simples: *hũ, hũs, huma, huã, hũa, hũas*; ora com vogal geminada: *huũ, hũu, huiũta, hũua, huiũas, huuma, huũn, huũs*.

O verbo *pôr* e seus derivados apresentam várias formas terminadas em ditongo nasal com vogais geminadas por falsa analogia: *poeer, poeerthes, pōee / poeē / poõe / poeen / poeem, poeemse, pōeese, pōeena, pōeeno, poeendo, despoeer, despōee*.

Alguns verbos em *-er* e em *-ar* apresentam vogais geminadas de origem etimológica: *creer* (< *credere*), *leer* (< *legere*), *seer* (< *sedere*), *manteer* (< *manutenere*), *sosteer* (< *sustinere*); *teer*

(< *tenere*), *reteer* (< *retenerere*), *veer* (< *uidere*), *proueer* (< *prouiderere*); *geerar* (< *generare*), *preegar* (< *predicare*). As vogais geminadas que aparecem noutros verbos são por falsa analogia: *rroeer* (< *rodere*), o atrás referido *poeer* (< *ponere*) e *despoeer* (< *disponere*).

Alguns verbos que se originaram a partir de incoativos e frequentativos de verbos latinos também apresentam vogais geminadas: *aqueeçeren*, *aqueesça*, *aqueesçe* (do incoativo de *contingere*), *obedeeçer* (do incoativo de *obedire*), *perteeçe* / *perteençe*, *perteeçen* / *perteençẽ* / *perteesçem* (do frequentativo de *pertinere*), *enpeeçer* / *enpeeçer* / *ẽpeeçer*, *enpeeça*, *enpeeçe* (do incoativo de *impedire*), *esqueesçe* (do frequentativo de *excadere*).

Os substantivos não terminados em *-l*, vogal ou ditongo nasais que apresentam vogal geminada em *-ee* não são muito frequentes. Apresentamos alguns exemplos: *beeẽs* / *beens*, *cãdeeyro*, *çeea* / *ceea*, *çeeo* / *ceeos*, *deestra*, *ẽcreeos* / *encreeos*, *fee* / *ffee*, *freestas*, *meezinha*, *merçee*, *odeeo*, *pee*, *pees*, *peecado*, *queentura*, *seeda*, *sseestra*, *seelo*, *treeua* / *treeuas*, *veea*, *veeo* (< *véu*), *veezes*, *ygreeja*, etc. Os substantivos com vogal geminada em *-aa* são bastante mais raros. Identificámos os seguintes: *ãtiffaa*, *braados*, *espaão*, *guaanho*, *graaio*, *graaos*, *haar*, *maano*, *naaos*, *paaio*, *saacramentos* e *vaaydade*. Algumas das formas relacionadas com o adjectivo *mau* mantêm a vogal geminada etimológica: *maa*, *maas*, *maamẽte*, *maao*, *maaos*, *maamente* / *maamemte*.

As vogais geminadas *-ii* e *-ij* estão presentes nalgumas formas. Nem sempre a geminação da vogal se deve a razões etimológicas. Em interior de palavra, contabilizámos os seguintes casos: *amijstança*, *antijga*, *antijgamente*, *antijgamẽte*, *antijgo*, *antijgos* (< *antiquu*), *artijgo*, *artijgos* (< *articulu*), *avarijça* (< *auaritia*), *cabijdo* (< *capitulu*), *cobiiça* / *cobijça* / *cubijça*, *cobiiças* / *cobijças*, *cobijçado*, *cobijçãdo* / *cobijçando*, *cobijçar*, *cobijçararas*, *cobijçey*, *cobijço*, *cobijçoso* / *cobijçosso*, *cobijçosos*, *cobijçou*, *cubijçosamẽte*, *enmiigos* / *emijgos* / *ẽmijgos* / *emmiigos* / *enmijgos*, *enmijgo* (< *inimicu*), *peligrijnus*, *preguijça* (< *pigritia*), *prijgo*, *prijgos*, *prijguo*, *prijjos* (< *periculu*), *rrijsio* / *rrijsso*, *sostijmento*, *tijnha*, *trijgo* (< *triticu*), *trijndade* (< *trinitate*), *vijmẽto*, *vijndoyro*. Algumas formas verbais, nomeadamente de *convir*, *crer*, *cumprir*, *enviar*, *haver*, *pedir*, *remir* e *vir*, apresentam no interior ou no final a vogal geminada: *convijndo*, *cõuijnr*, *crij*, *crijda*, *crijdo*, *conprijjo*, *ẽuije*, *aiuja* / *avija*, *avijã*, *pedijs*, *rremij*, *remijo* / *rremijo*, *remijnr* /

rremijr, remijr, rredemijr, vijnr, vijnra, vjvr. Alguns substantivos e adjectivos terminados em *-io* apresentam também a vogal geminada: *amorijo, frijo, gentijos / gētijos*.

2.4. Consoantes duplas

As consoantes duplas que aparecem na obra são as seguintes: *ss, rr, ll, ff, cc, nn, tt, pp* e *dd*. As mais significativas são as quatro primeiras.

Em *s* duplo, além dos casos que estão de acordo com o uso actual, surgem algumas realizações menos vulgares. Com *ss* em início de palavra contabilizámos 249 formas, de que destacamos: *sse, sser / sseer, sseja, ssejam, ssera, sserã, sserya, ssegūda, ssestra, ssem, ssemelhante, ssemelhauel, ssemelhauees, sseu, ssygnifica*, etc.; em final de sílaba, encontrámos: *cusstume, essta, messma e esstãdo, essscripturas*; com *ss* em início de sílaba depois de consoante *r*, encontrámos: *adverssydades, averssydades, comverssaçom, confesarsse, confessarsse, converssaçom, converssamom, converssou, diuerssa, diuerssas, diuerssos, diverssos, diverssydade, dyuerssa, persseuera, perssoa, perssoas, rrecursso, uersso, versso, verssos, verssus, vniuerssal, vniuerssall, vniuerssallmemente, vniverssal*; depois de *l*, encontrámos: *falsso, expulssom, ffalsso, balssamo, falssos, falssa, falssamente, falssas*; depois de vogal nasal, encontrámos: *enssynamêto, ofenssa, ofenssarom, conssoaçom, conssolador, consselho, enssynar, penssa, penssamento, enssyna, conssoalar, amanssa, conssoaçom, despenssaçom, conssoagraçom, rresponssom, conssoagraçom, menssa, conssoagrado, conssoagrada, conssoagnar, conssoagraçom, conssoagrando, conssoamilo, conssoagra, conssoagradas, penssen, responssom, penssar, penssasse, entonsse, reprensom, despenssar, despensseyro, espenssas, conssoentimêto, penssando, defemssom, emssynar, offemssa, comssolado, comssagra, rrespomssoryo, comssagraçom, comssagnar, pemssa, comssagrado, ofemssa, pemssamentos, pemssamdo, cõssolaçom, cõssagnar, rrespõsso, mãssydom, ofẽssa, ãssina, defẽssom, ãssynar, pẽssar, ofẽssyua, ãssynamêtos, suspẽsso, pẽso, defẽsson, ençẽsso, despẽssoaçom, pẽssamentos*; em formas verbais conjugadas com o pronome *se* depois de consoante *r* ou de vogal nasal, encontrámos: *abstersse, acordarsse, aleglarsse, alegrarsse, alimparsse, antremetersse, apartarsse, apodreçersse, arrepẽdersse, casarsse,*

cõfesarsse, defendersse, deixarsse, doersse, excusarsse, examinarsse, lauarsse, quitarssse, rrecordarsse, toruarsse, vestirsse, vingarssse, etc.; dizensse, êtendensse, podensse, nomeansse, perdensse, ponsse, confesansse, dizemsse, trabalhamsse, ordenãsse, dizêsse, prouêsse, rreduzêsse, podêsse, deuêsse, departêsse, emadêsse e dansse. Num caso apenas, surge o *s* duplo depois de *p*: *Apocalipsse*.

Para o *r* duplo, o impressor utilizou um só molde que, na arte da impressão, é chamado *rr-perruña*. Em início de palavra surgem 548 formas com *r* duplo, mais de metade correspondentes a formas verbais. Damos alguns exemplos: *rrenêbrança, rreçeber, rremeter, rresuçitou, rrestituyr, rreyno, rremuneraçõ, rrijsso, rrio, rriqueza, rriquo, rrisos, rrixa, rroeer, rrogador, rrogar, rrolaçõees, rroma, rromaã, romaão, rromãce, rromançio, rromaria, rromaryas, rromeyros, rronpo, rrooe, rrosas, rroubadores, rroubar, rroubo, rroupa, rruas, etc.* Em interior de palavra, surgem 270 formas. Destas, além das que estão de acordo com o uso actual, ou seja, a presença da consoante dupla entre vogais, como em *terra*, para designar o fonema vibrante velar [R], há casos em que a consoante dupla surge depois de consoante *s* e *l*. Exemplo disso são as formas *Isrraell / Isrrael, delrrey, elrrey, palrreiros / palrreyros, palrraria e palrrar*. Nalgumas formas em que o fonema vibrante é antecedido de vogal nasal, o mesmo é representado pela consoante dupla. Neste âmbito temos: *Anrrique, enrriqueçer*, a palavra *honra* e as formas de si derivadas, como: *homrra, homrras, honrraras, honrra, honrram, honrrame, honrrar, deshonrra, desonrras, onrra, honrrã, deshonrras, honrran, honrras, honrrrey, deshonrram, honrrado, honrrados, honrrro, hõrraras, hõrrar, cõrronperõ, hõrra, dessõrra, hõrras, hõrradamente, hõrran, deshõrra e hõrrado*. Há pelo menos duas formas em que o *rr* tem valor de fonema vibrante alveolar [r]: *forra (= fora) e morrte*.

O *l* duplo, embora seja menos frequente do que o *s* e o *r* duplos, tem, mesmo assim, uma representatividade significativa na obra. Contabilizámos 175 formas intervocálicas, de que destacamos: *allamento, ançilla, aquella, aquyllo, Bertollameu, callar, capella, Castella, cauallaria, classulla, della, desmolla, dicipollos, ella, esmolla, estolla, falla, fallar, Gellasio, guallardon, gulla, mazella, naquella, nella, ourella, pallaura, pella, Pellageo, pellas, Pillato, pistola, pollo, prellado, rrellaçon, rreuellara, sellada, singullar, ssallamon, todallas, uilla, ydollos, etc.* Em final de palavra,

encontrámos 19 formas: *âgelicall, aplazyuell, çerimoniall, espirituall, humanall, Isrraell, mall, mill, mortall, natall, quall, saçerdotall, Sacramētall, signall, spiçiall, ssacramentall, tall, vill, vniuerssall*. Em final de sílaba no interior de palavra, encontrámos apenas três formas: *mallquerêça, mallquerença e vniuerssallmente*. Em início de sílaba depois de *r*, encontrámos apenas uma forma: *perllado*.

A obra contém 157 formas com *f* duplo. Destas, 91 têm *ff* inicial, de que destacamos: *ffazer, ffe, ffyel, ffiees, ffogo, ffilho, ffaleçer, fformos, ffose, fforom, ffoy, ffecta, ffestas, ffornicaçom, etc.* As restantes formas apresentam o *ff* entre vogais orais e nasais: *blasffemando, blasffemea, blasffemia, cõffysom, conffisom, conffison, cruçiffixo, defferêça, effecto, enffermo, gloryfficaçom, inferno, Maffoma, offereçeo, offêsa, officio, offiçios, proffaço, proffetizou, sufflaçom, Telefforo, etc.*

Em *c* duplo existem 22 formas, todas latinas, à excepção de duas: *occulto* e *peccador*. Algumas outras, como *accidia* e *occioso*, têm o *c* duplo, mas um deles representa o fonema fricativo linguodental surdo [s].

Em *n* duplo temos, além de seis formas latinas, as seguintes em português: *hynno, innocencia, Joanne, anno, annos* e *Anna*. Em três formas verbais, o primeiro *n* representa o sinal de nasalação da vogal anterior: *ennobreçe, lançenna* e *tenno*. Na forma *nennhuuũ*, o primeiro *n* representa o sinal de nasalação da vogal anterior e o segundo faz parte do dígrafo que representa o fonema oclusivo palatal.

Em *t* duplo existem sete formas, sendo apenas três em português: *tittolo, Marttinho* e *atta*.

Em *p* duplo há apenas uma: *supperfluos*.

Em *d* existe apenas uma forma latina: *addere*.

2.5. Consoantes etimológicas

As consoantes etimológicas presentes na obra são o *p* antes de *n*, *t*, *s*, *ç* e *v*; o *c* antes de *t*; o *b* antes de *s*, *j*, *c*, *ç* e *p*; e o *g* antes de *n* e *d*. A par das formas com estas consoantes, surgem outras que as não têm.

Com *p* antes de *n*, existem 49 formas, de que destacamos: *cõdepnado*, *cõdepnados*, *condepnar*, *dapnar*, *solempne*, *solepniza*, etc. Com *p* antes de *t*, além das que existem actualmente, como *corrupto*, *baptizamos*, *baptizo*, *adoptado* e *adoptar*, surgem ainda: *accepta*, *captiuar*, *corupta*, *desolupto*, *escriptas*, *escripto*, *escriptos*, *escreptura* / *escriptura*, *pressumptuoso*, *rreptã*, *sseptimo*, *tẽptaçõees*, *volumptaria*, *volumptarios*, etc. Nalgumas formas do verbo *escrever*, deu-se a metátese do *p*: *espcrito*, *escpreuer*, *escpreueo*, *escpritos*, *escprita*, *escpitura*. Com *p* antes de *s*, além das formas latinas, temos: *Apocalipse* / *Apocalipsi*, *psalmista*, *psalmo*, *psalmos*, *psalteiro* e *psalteiros*. Com *p* antes de *ç*, além das formas latinas, temos: *asunpção*, *asunpçom*, *currupçom*, *adopçion*, *dadopçion*, *corupçõ*, *redêpçom*, *adopçiõ*, *corrupçõ*, *corrupçom*, *presupçom*, *currupçõ*, *asumpçom*, *dasumpçom*, *asumpçon*, *aasumpçõ*, *corrupmçon*, *corrupçon*, *rredempçon*, *rredenpçon*, *curupçõ*, *presumpçom*, *currupçon*, *presumpçõ*, *protepçom*, *numpçias*, *adopçõ*. Com *p* antes de *v*, temos três formas derivadas do verbo latino *scribere*: *escrepuer*, *escrepueo* e *perescrepver*.

Com *c* antes de *t* existem 215 formas, entre portuguesas e latinas, de que destacamos: *aflictos*, *delyctos*, *dicto*, *doctores*, *fecta*, *fecto*, *efecto*, *lecto*, *nocte*, *rector* / *rrector*, *rrectoria*, *tracta*, *octaua*, *perfecto*. Três formas apresentam a ditongação e a consoante etimológica: *feicto*, *peictos* e *reycctor*.

Com *b* antes de *s*, além dos casos de acordo com o uso actual, como *absoluta* e *absolver*, temos: *subso* / *subssso* / *ssubssso* (= *suso*), *absente*, *absẽcia* / *absemçia* / *aubssnençia*, *absẽtarse*, *absentam*, *absente* e *absconde*. Com *b* antes de *j*, além dos casos de acordo com o uso actual, como *subjugados* e *subjugar*, temos: *subjecto*, *sojjeyta*, *subjecta*, *subjectas*, *subjecto* / *subiecto* e *subjectos*. Num caso apenas, a consoante etimológica sobreu uma metátese: *sojebta*. Com *b* antes de *c* e *ç*, temos algumas formas do verbo *suceder*: *subcede*, *subçedeo*, *subçeder*, *subçedam* e *subçederom*. Com *b* antes de *p*, existe apenas uma forma, *obpeniom*, por falsa etimologia.

Com *g* antes de *n* existem 134 formas, entre portuguesas e latinas. Além dos casos de acordo com o uso actual, como *digno* e *significação*, temos, por influência da etimologia: *asignar*, *cognoscer*, *emsigna*, *ẽsignou*, *pugnido* (particípio de *punir*), *regno*, *regnos* / *rregnos*, *signal*, *signar*, etc. A palavra *reino* apresenta nalgumas formas a ditongação e a consoante etimológica: *reygno* / *rreigno* / *rreygno* e *reygnou*. No advérbio *begninamente*, a consoante

etimológica sofreu uma metátese. Por falsa analogia, temos: *ugnyom*, *magnifesta*, *magnifestandolhas*, *magnifestos*, *magnifestandolhas*, *signagoga*, *ygnocẽçia* / *ygnocemçia* e *Ygnocẽçio*. Existe apenas uma forma com *g* antes de *d*: *Magdallena*.

2.6. O uso do “v” e do “u”

O uso do *v* e do *u* foi, até meados do século XVI, extremamente irregular, quer em textos impressos, quer em textos manuscritos. Esta é uma característica comum a todas as línguas europeias que utilizam os caracteres latinos.

Na versão portuguesa do *Sacramental*, a utilização indiscriminada do *v* e do *u* pode levar a que um leitor menos habituado a textos medievais tenha alguma dificuldade de leitura. Tentaremos sistematizar alguns usos neste âmbito.

O *v* minúsculo é normalmente utilizado em início de palavra, quer com o valor de consoante fricativa labiodental sonora [v], como em *varõ*, *veo*, *verdade*, *viuemos*, *viuem*, *viuos*, quer com o valor de vogal [u], como em *vniuerssal*, *vnidade*, *vnion*, *vnçon*, *vnum*, *vnicum*, *vngido*, *vsso* (= *uso*), *vt*, *vuas* (= *uvas*), *vltimo*, *vndecyma*, *Qvando*, etc. Há bastantes casos, não tantos como na situação anterior, em que a palavra se inicia por *u*: *uida*, *uirtude*, *uersos*, *uerdade*, *uem*, *uiandas*, *uos*, etc. Estes casos surgem em contextos em que a palavra anterior é geralmente um artigo definido no singular ou um pronome terminado em vogal. Apresentamos dois exemplos: “contenda he inpunar *a uerdade*”; “nos derradeiros dias *desta uida*”.

São raros os casos em que o *v* aparece no interior da palavra com valor consonântico. Surge em formas como: *Evãgelho* / *Evangelho*; *aver*, *avera*, *avera*; *universal*, *avariçia*, *conversar*, *diversos*, *diversas*, etc. Nalguns contextos, a presença do *v* deve-se à abreviatura da sílaba *-ver*. Sucede em casos como: *aver*, *perversa* e *universalmẽte*. Num ou noutro caso, a presença do *v* deve-se à translineação da palavra, como em: *absol-vem*, *cha-ve*, *de-vaçon*, *ou-ve*, *prou-ver*, *sal-vo* / *ssal-vo*, *cõ-vinhauel*, etc. O mesmo sucede quando as palavras se encontram separadas, como são os casos de: *en via*, *em vye*, *en viadas*, *en vyou*, etc. Noutros casos, bastante pontuais, a presença do *v* deve-se à confusão da primeira sílaba com o artigo definido, como no seguinte contexto: “ho havoo ou havoo”.

Em interior de palavra, o *u* representa a consoante fricativa [v], a vogal [u] ou a semivogal [w]: *ouuissent*, *ouuerõ*, *ouue*, *louuãdo*, *duuida*, *saluador*, *seruos*, *queentura*, *conprou*, etc.

A troca do *v* pelo *b* e vice-versa encontra-se também representada na obra, o que faz colocar a hipótese de o seu tradutor ter sido um clérigo do Norte de Portugal. Detectámos os seguintes casos: *visybel*, *visybes* / *visiues* / *uisibeas*, *inuisibel*; *gaua*, *gauastete* (do verbo *gabar*); *boluesse* / *voluesse*; *liura nos* / *libra nos*, *libre*; *taboa* / *tauoas*; *palaura* / *palabra* (este certamente por influência castelhana, uma vez que a palavra aparece na maior parte das ocorrências grafada com o *u* de valor consonântico); *proue* / *pobre*; *vondade*, *võdade*, *uondade* / *bondade*; *habitaçõ* / *auitaçõ*; *bertese* (de *verter*); *reçueuer* / *rreçeber*; *terribel*.

2.7. O uso do “r”

Acerca da utilização do *r* duplo já tivemos oportunidade de nos referirmos acima. Há, no entanto, mais algumas particularidades acerca da utilização do *r* que convém salientar.

Certas palavras iniciadas por *r* são grafadas com maiúscula em contextos onde deveriam estar em minúscula, certamente para distinguir o *r* velar [R] do *r* alveolar [r]: *Raçional*, *Rudeza*, *Razom*, *Raçom*, *Rogar*, *Remijr*, *Remissom*, *Redençõ*, *Resurgio*, *Rogo*, *Regressus*, *Recusar*, *Resurreçõ*, *Respõdendo*, *Rey*, *Rudeza*, *Resurrexit*, *Resurrexçionẽ*, *Remissionẽ*, etc. Muitas vezes estas palavras são antecedidas de um ponto: “comunhon dos santos e .Remisom dos pecados”; “Inoçẽcio .Respõdendo a huñ arçibispo”; “padeçeo e .Resurgio ao terceiro dia”; “pella sua gloriosa .Resurreçõ floreceo”; “en ha .Resurreyçõ”; “Carnis .Resurexçionẽ”; “deuemos .Rogar a nosso señor”; etc.

No interior da palavra, surgem alguns casos em que o *r* maiúsculo representa o fonema vibrante velar [R], de que destacamos: *eRar*, *eRaria*, *eRor*; *deRamadas*, *ẽteRado*, *cuRupçõ*, *eIRey* e *honRa*. Com *r* maiúsculo no início e no interior de palavra, encontrámos apenas um caso: *ResuReçom*.

2.8. O uso do “g” e do “j” consonântico

Para além das realizações gráficas de acordo com o uso actual, que são a maioria, surgem, no entanto, algumas excepções que merecem ser destacadas.

Nem sempre o *g* junto a vogais que não sejam *e* e *i* representa o fonema velar sonoro [g]. Surgem casos em que tem valor palatal antes de *a* e *u*, como em: *beyga* / *beiga*, *desegam* / *desegã*; *jeguum*, *môga*, *pelegar* / *pelhegar*, *pelegando*, *Alegandre*, etc.

Nalguns casos, o *g* com valor de consoante velar é acompanhado de *u* antes de *a* e *o*, certamente por analogia com as realizações antes de *e* e *i*: *castiguar*, *gualardon*, *preguadores*, *roguia*, *roguasse*. Por outro lado, a ausência do *u* antes de *e* e *i* nota-se nalguns nomes e advérbios, como: *sange*, *ffreiges*, *freigeses*, *Sam Migel*, *fageyras*, *çegidade*, *prigiçosamente*, *gerra* / *gera* (= *guerra*); e nalgumas formas verbais: *alongey*, *amingey*, *castygey*, *chege*, *ẽbargey* / *enbargey*, *pagey*, *rroges*, *rrogen*, *sege*, *segem*, etc.

No que diz respeito ao *j*, detectámos apenas um caso em que aparece com valor de consoante velar: *prijjos* (= *perigos*). Nas restantes ocorrências, representa, ora a consoante palatal sonora, ora a vogal [j], ora a semivogal [j]. São muitos os casos em que *juiz*, *juizes*, *juizo*, *justamẽte*, *jurdiçom*, *juramento* e as formas dos verbos *julgar* e *jurar* aparecem grafados com *j* maiúsculo no meio da frase. Damos um exemplo: “quando ho ssaçerdote *Justamẽte Julga* legamdo e absoluẽdo”. Uma vez por outra, o *j* maiúsculo surge no interior de palavra, como em *aJa* (= *haja*).

3. LEXICOLOGIA

3.1. Castelhanismos

É importante a presença do castelhano, quer no vocabulário, quer em certas expressões e construções sintácticas. A par de formas tipicamente portuguesas, aparecem formas da mesma palavra castelhanas ou castelhanizadas. Das detectadas, referimos as seguintes: *abilles*, *abstiner*, *adopçion* / *adopçião*, *dadopçion*, *ahũu* (o mesmo que *aun*, *ainda*), *Agustino*, *aldeanos*, *ay* (forma do verbo

haver), *ayütado*, *benes / benees*, *busano / gussano*, *gussanos*, *cardinales*, *çelebro*, *color*, *colores*, *confisonees*, *conjuraçonees*, *creyo* (por *creu*), *çuzo* (= *sujo*), *defecultade*, *desponee* (= *dispõem*), *diferença / diferêçia*, *difyniçiones*, *dineiro*, *Dios*, *diuisonnees*, *doaçõ* (= *donacion*), *escõjuraçonees*, *estuue*, *êtençonees*, *ffafas*, *fasta / ffasta* (preposição *hasta*), *fingiendo*, *fezolhe*, *aflaca*, *flacos*, *flaqueza*, *grados* (= *graus*), *hyrmanas*, *introduçido*, *jurissdiçiones*, *lengoas*, *locura*, *maano*, *mas* (= *mais*), *mininhos*, *misclar*, *naturaleza / natureleza*, *nêguũ / neguum*, *nemgũa / negũa*, *nobleza*, *obligado*, *oblygados*, *oraçonees*, *otro*, *ouo* (transcrição do castelhano *ouo* = *houve*), *palabra*, *parafrenales*, *pequenho*, *poluçion*, *poso* (transcrição do castelhano *puso* = *pôs*), *presença / presemçia* (substantivo), *primero / premero*, *preuilejo*, *prouidêçia* (= *prudência*), *puees*, *outeandoos*, *outear*, *question*, *quynentos*, *quiso / quisso* (o mesmo que *quis*), *question*, *rrazones / rrazonees*, *rrecucio*, *rezête*, *Ruedano* (rio Ródano), *segrales*, *ssegundayo / segũdario*, *seguridade*, *sofrir*, *sobterfugendo*, *terçera*, *tuue* (< forma do verbo *ter*), *vegada* (= *vez*), *veinte*.

Na tradução de algumas expressões, o tradutor manteve a construção castelhana, como em: “deste dor”²; “su madre”; “ho saçerdote çerra os olhos e esta huũ pouco de espaço”³; etc.

Nalgumas frases, nota-se a influência do castelhano, talvez por distracção do tradutor. Consideremos o seguinte contexto: “foy estabelecido por medeaneyro antre Deus e *elle homẽ* por que ho leuase a elle”. A expressão *elle homẽ* aparentemente não tem sentido. No entanto, se a substituímos pela expressão castelhana *el hombre*, ou seja, *o homem*, já tem. O mesmo sucede em: “E o titolo *della madre* he este”.

São bastante frequentes as expressões *a hy*, *a y*, *ha y*, *ha hy*, *ahy*, *ay*, *hay* e *hahy*, que correspondem às formas castelhanas *hay* e *ay*, pertencentes à terceira pessoa do singular do verbo *haver* no presente do indicativo.

² Na edição de Sevilha de 1478: “deste dolor”. A palavra *dolor* em castelhano é masculina.

³ Na ed. de Sevilha de 1478: “el sacerdote cierra los ojos e esta vn poco de espacio”.

3.2. Formas verbais arcaicas

Certos verbos apresentam formas arcaicas de conjugação. O verbo *acaecer* (= acontecer): *acaesçer / aquesçer, aquesçendo, aquesçe, aquesçese / aqueçesse, acaeçêdolhe, aqueeçeren, aquesça, acaeçera, aqueçerõ, aqueçer*. O verbo *cerrar*: *çara*. O verbo *dizer*: *dy* (imperativo), *disso* (= disse), *dixer*. O verbo *enader*: *emade, êader, êade, êadido, enadese*. O verbo *estar*: *estem / estê, este* (= esteja), *esteuer, esteuesse, estouesse / estouese, estoueron, estouer, estoue*. O verbo *fazer*: *fezer, fezera, fezerom / fezerõ, fezemos, fezolhe, fezo* (= fez), *fizeo*. O verbo *haver*: *ouermos, ouerom, ouuo*. O verbo *ir*: *imos / ymos*. O verbo *pedir*: *pido, pidolhe*. O verbo *pôr*: *poeer, ponlhe, pusse / pose* (1ª pessoa do singular), *poendo, poso* (= pôs), *poõe*. O verbo *querer*: *quisse / quise* (1ª pessoa do singular), *quiso* (3ª pessoa do singular). O verbo *ser*: *som / son* (= sou), *seer, seerem, see / ssee* (com a significação de sentar). O verbo *soer*: *soee, soõe / soõe / sooen / ssooem, sooyan*. O verbo *ter*: *teer, tever / teuer / touer, teuerom, toue, touese*. E finalmente o verbo *trazer*: *trouuer, trouue, trouueo, trazeo*.

4. EMPREGO DE ALGUMAS LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS

A utilização de locuções conjuncionais que introduzem a coordenação e a subordinação sintáticas, quer no texto castelhano, quer na versão portuguesa, é similar, levando-nos a concluir, juntamente com a análise comparativa de complementos circunstanciais e frases complexas introduzidas por conjunções, que a tradução foi feita à letra. O tradutor manteve praticamente a estrutura sintáctica original, mudando uma ou outra palavra conforme a fonética, a flexão morfológica e o léxico portugueses. É igualmente similar a utilização das locuções nas quatro edições portuguesas da obra, sendo este facto um dos argumentos para se considerar que houve apenas uma tradução que esteve na base das quatro edições.

Porque seria impossível neste pequeno estudo fazermos uma análise de todas as locuções presentes, daremos especial destaque às

seguintes: *salvo se*, *posto que*, *ainda que*, *assim como*, *como quer que e quando quer que*.

As orações condicionais, dentro das subordinadas, são, depois das orações relativas e integrantes, as mais frequentes, certamente pelo facto de a obra se integrar no âmbito da casuística, a parte da Teologia Moral que trata dos casos de consciência, em que, perante um comportamento, uma atitude, um pensamento ou uma intenção que vai contra os mandamentos, há condições (de idade, sexo, profissão, estatuto social, estado civil, saúde ou doença, etc.), agravamentos, atenuantes e excepções que interferem na penitência a aplicar. Grande parte desta espécie de orações é introduzida pela conjunção *se*. No entanto, há um conjunto de casos em que, para dar a ideia de excepção, se emprega a locução *salvo se*, tradução da equivalente castelhana *salvo si*. As variações gráficas desta locução são as seguintes: *salvo se* (1); *ssalvo se* (6); *salvo se* (46); *salvo sse* (21); e *ssalvo sse* (10). Apresentamos um contexto: “E se ha fornicacion foy ante dos esposoyros, non sse pode opoer, *ssalvo se* ao tempo que sse esposasem elle pemsou que ella era virgẽ”.

A locução *posto que* surge 14 vezes, quatro na Parte II da obra e dez na Parte III, e introduz uma oração subordinada concessiva. Confrontámos as várias passagens com as edições castelhanas impressas em Sevilha em 1477 e 1478 e verificámos que, em todas elas, esta locução traduz a locução *puesto que* do texto castelhano. À excepção de um caso, que se repete nas duas versões, a locução vem acompanhada do verbo no presente do conjuntivo ou no pretérito imperfeito do conjuntivo. No caso excepcional, o verbo vem no pretérito perfeito do indicativo em ambas as línguas: “E *puesto que fallecio* el sacramento, nõ fallecio la fe del sacramẽto”; “E *posto que ffaleçeo* ho sacramẽto, nom faleçeo a ffe do sacramẽto”.

A locução *ainda que* surge 147 vezes, introduzindo também uma oração subordinada concessiva. A maioria das vezes traduz a locução castelhana *aunque / aũque / aun que*. A preferência dada a esta conjunção, em relação à locução *puesto que* parece ser um sintoma de que na língua castelhana, no início do século XV, a segunda estava a ser substituída pela primeira. Este fenómeno não sucedia na língua portuguesa, como facilmente podemos constatar consultando as obras de Fernão Lopes, onde a locução tem uma frequência bastante significativa (na Parte I da *Crónica de D. João I*, a locução *posto que* ocorre 102 vezes; na Parte II, ocorre 149 vezes. Pelo contrário, a locução *ainda que* ocorre 34 e 26 respectivamente). No entanto, na

época em que o *Sacramental* foi impresso, a utilização da locução *posto que* na língua portuguesa estava já em franco declínio.

As orações comparativas introduzidas pela locução *assim como* têm uma frequência bastante significativa. As variações gráficas desta locução são as seguintes: *assy como* (110 vezes); *asy como* (59); e *asi como* (224). O uso mais vulgar poderá resumir-se a cinco tipos de construções. No primeiro, a locução introduz uma oração subordinada comparativa depois da oração principal ou de uma outra subordinada. Apresentamos um contexto: “A primeira quando ho ão faz cõ cobijça, mas obedeçedo, *assy como* fezerõ os iudeus quãdo sayrõ do Egipto”. No segundo tipo de construção, a oração comparativa é antecedida por um segundo termo introduzido pelo advérbio *assi*, como no contexto que se segue: “e *assy como* a alma pecando foy ha carne infiçada e corrupta e inclinada a toda cobijça, *assy* todallas que della desçenderom trouxerom comsigo corrupçom”. No terceiro tipo, a oração apresenta-se sem predicado, correspondendo a uma comparação simples. Apresentamos dois contextos: “mas ão daquelle a quẽ a ley e dereyto lhe da poderyo para o fazer, *assy como* ao juiz”; “A sexta por vocaçõ, *asy como* nosso señor Deus que criou todas as cousas”. No quarto tipo, a locução vem acompanhada da conjunção condicional *se*. As variações gráficas são as seguintes: *asi como se* (28); *asy como se* (2); *assy como se* (9); *assy como sse* (10); *asi como sse* (12); *asy como sse* (3). Apresentamos o seguinte contexto: “O premeiro casso bispal he quãdo sse ha de empoer algũa solempne penytẽcia por ho pecado cometido, *asi como se* alguũ pubricamente injuriar aa ygreja”. Finalmente no quinto tipo de construção, a locução vem acompanhada da conjunção temporal *quando*. As variações gráficas são as seguintes: *asi como quando* (10); *assy como quãdo* (8); *asy como quãdo* (2); *asi como quãdo* (7). Apresentamos dois contextos: “A terçeyra quamdo ha o rreçebimento da boca, *asi como quando* rreçebemos este sacramento”; “E ainda este odeo he na obra, *assy como quãdo* alguũ por maaõ ãxenplo da ocasyon a outro de morte ou de cõtẽda”.

Utilizando o verbo *querer*, surgem duas locuções: *como quer que*, de valor concessivo, e *quando quer que*, de valor temporal. A primeira, com significação de *embora*, ocorre 183 vezes e é a tradução da locução castelhana *como quier que*. Transcrevemos os seguintes contextos: “pecado original he ho qual todos trazemos des Adam, ho qual, *como quer que* fosse criado sã pecado, foy corrupto

pello pecado”; “*E como quer que* nosso señor auia muitos nomes, este he o propio següdo ha inposycom”. A segunda, com a significação de *sempre que*, apresenta-se com duas variantes: *quando quer que* (14); e *quãdo quer que* (11). É a tradução da locução castelhana *quando quier que*. Transcrevemos os seguintes contextos: “*quãdo quer que* o clérigo diz oras cãtadas deue ã começo e ã fin dizer o pater noster em cada ora”; “O premeiro he *quãdo quer que* homẽ quer rreçeber o corpo de Deus e çelebrar o sacrefiçio da missa”.

5. CONCLUSÃO

Em relação a outras obras redigidas em língua portuguesa entre finais do século XIV e finais do século XV, o *Sacramental* da Biblioteca do Rio de Janeiro é, do ponto de vista gráfico e linguístico, bastante caótico. Se o comprarmos, por exemplo, com a tradução portuguesa de 1399 do *Livro das Confissões* de Martín Pérez, constatamos que esta, apesar de ter sido feita muitos anos antes da impressão do *Sacramental*, é muito mais regular e menos arcaizante. Em contrapartida, se compararmos o *Sacramental* com o *Tratado de Confissom*, de autor desconhecido e impresso em Chaves em 1489, constatamos que o caos gráfico e linguístico é similar. Situação que já não acontece nas três edições posteriores do *Sacramental*, que sofreram emendas, actualizações e alterações gráficas, fonéticas lexicais e sintácticas. De facto, nestas edições, a união e separação de palavras é mais regular, o número de vogais e consoantes geminadas foi reduzido e a utilização do *r*, do *g* e do *j* aproxima-se do uso actual. Os castelhanismos foram substituídos na sua maioria e as formas verbais arcaicas são residuais. No que diz respeito às locuções, o facto de a sua utilização ser correspondente nas quatro edições, como atrás tivemos oportunidade de referir, prova que a tradução portuguesa foi uma só.

Através da análise das anomalias, nomeadamente a correcção ou não de lacunas e gralhas, e da análise das alterações gráficas e linguísticas, podemos dizer com alguma segurança que o incunábulo do Rio de Janeiro é realmente um exemplar pertencente a uma edição anterior às outras três conhecidas e serviu de texto-base à segunda edição (provavelmente impressa em Braga entre 1494 e 1500). Por

sua vez, a segunda edição serviu de texto-base à edição de Lisboa de 1502 e à edição de Braga de 1539. Na falta de um exemplar completo da edição de 1488 e na falta de notícias de uma improvável quinta edição, somos levados a concluir que o incunábulo do Rio de Janeiro é um dos exemplares da edição de 1488.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edições do “Sacramental” dos séculos XV e XVI citadas

- 1477 – Incunábulo impresso em Sevilha por Anton Martinez, Bartolomé Segura e Alfonso del Puerto. Cópia existente na Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, Madrid (Inc. 71-VII-27).
- 1478 – Incunábulo impresso em Sevilha por Anton Martinez, Bartolomé Segura e Alfonso del Puerto. Cópias existentes na Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, Madrid (Inc. 75-VI-15), e na Biblioteca Nacional, Lisboa (Inc. 154).
- [1488] – Incunábulo pretensamente impresso em Chaves. Exemplar único existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.
- ca. 1494-1500 – Incunábulo provavelmente impresso em Braga. Exemplar único existente na Biblioteca Nacional em Lisboa (RES. 154 A.).
- 1502 – Edição impressa em Lisboa por João Pedro de Cremona. Exemplar existente na Biblioteca Nacional, Lisboa (F. 1389).
- 1539 – Edição impressa em Braga por Pedro dela Rocha, João Beltrão e Pêro Gonçalves. Cópia existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (R-31-22).

Outras obras

- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1987): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- HORCH, R. E. (1986): “O primeiro livro impresso em língua portuguesa”, *Prelo*, Janeiro/Março, 10, 7-18.

- HORCH, R. E. (1987): “O primeiro livro impresso em português, um depoimento: os caminhos percorridos para comprovar a sua existência”, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2^a série, Lisboa, 2, 33-41.
- MACHADO, J. B. (2003): *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Linguístico*, Braga: APPACDM.
- MATEUS, M. H. *et al.* (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*, 5^a ed. revista e aumentada, Lisboa: Caminho.
- NUNES, E. B. (1980-1981): *Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*, 3^a ed., Lisboa: Faculdade de Letras.
- NUNES, J. J. (1989): *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 9^a ed., Lisboa: Clássica Editora.
- SÁNCHEZ DE VERCIAL, CI. (2005): *Sacramental*, s. 1.: Pena Perfeita. Edição semidiplomática de J. Barbosa Machado.
- SILVA, I. Fr. da (1876): *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II.
- VÁSQUEZ CUESTA, P. e MENDES DA LUZ, M. A. (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições 70.